



Centro de Saúde de Lisboa

Notas Históricas

Jaime Teixeira Mendes

Cirurgião Pediatra. Aposentado do Hospital de Santa Maria / CHLisboa Norte

« A mesure qu'on a plus d'esprit, on trouve qu'il y a plus d'hommes originaux. Les gens du commun ne trouvent pas de différence entre les hommes »..

PASCAL

Resumo

O primeiro Centro de Saúde que existiu em Portugal foi constituído em 1939 e deve-se ao empenho de um grupo de enfermeiras de regresso do EUA e do Canadá, bolsistas da Fundação Rockefeller, onde finalizaram a sua formação, e à colaboração de médicos de saúde pública que convenceram os poderes públicos, da época, a iniciar a experiência piloto do Centro de Saúde de Lisboa, experiência que na história da medicina portuguesa ficaria registada como tão promissora como desaproveitada, mas que não deve ficar esquecida.

Esta equipa quis transformar a antiga ideia de Saúde Pública, que se caracterizava por um conjunto de medidas de coerção policial, num conceito moderno, que demonstrava que a Saúde Pública é, antes de tudo, obra de demonstração.

Palavras-chave: Centro de saúde; História da Medicina; Saúde Pública

Acta Pediatr Port 2009;40(4):189-93

Lisbon Health Center

Abstract

The first health centre in Portugal was established in 1939 thanks to the commitment of a group of nurses that had recently returned from USA and Canada, where they had graduated as scholars of the Rockefeller Foundation. They were supported in their efforts by public health physicians that helped convince the public authorities at the time to launch a pilot health centre in Lisbon. Such experimentation remains in the annals of Portuguese medical history as a promising as much as a lost opportunity that nevertheless should not be forgotten.

This intent was to transform the ancient concept of public health, characterized by a set of police coercive measures, into a modern concept, representative of true public health first and foremost as a demonstration work.

Key Words: Health Centre, History of Medicine, Public Health

Acta Pediatr Port 2009;40(4):189-93

Introdução

A ideia dos Centros de Saúde, como organização da higiene pública, medicina preventiva e de cuidados básicos às populações mais carenciadas e das zonas rurais, começou nos Estados Unidos na Administração Roosevelt.¹

Uma das consequências do envolvimento deste país na Segunda Guerra Mundial foi a reorientação da sua diplomacia externa no sentido de aproximar, em termos políticos, culturais e de saúde, os Estados Unidos de outros países, com enfoque especial na América Latina.

No Brasil, em 1934, os serviços especializados de administração sanitária estão organizados sob o sistema distrital dos Centros de Saúde, que cobrem as grandes cidades, e actuam também em Minas Gerais, Amazônia e Nordeste no combate à Malária e à Tuberculose.^{1,2}

A Fundação Rockefeller foi a grande responsável por esta política sanitária em todos os países aliados dos Estados Unidos. Assim, nos finais dos anos 30, o seu delegado em Portugal, Dr. G. K. Strode, faz um acordo com o então Director-Geral de Saúde, Dr. José Alberto Faria, visando a criação do Centro de Saúde Modelo de Lisboa.³

Os objectivos deste Centro “eram de três ordens: estudo das normas de trabalho adequadas ao ambiente, das reacções psicológicas da população e dos problemas sanitários locais; trabalho de educação sanitária na área escolhida, com o fim de realizar o desiderato da Saúde Pública (redução da morbidade e mortalidade por causas evitáveis); contribuição para o

Correspondência:

Jaime Teixeira Mendes
R. Aquiles Machado, nº6 4 Dto.
1900-077 Lisboa
Tm: 91220 29 91
jaime.t.mendes@gmail.com

ensino, fornecendo demonstração prática a médicos, estudantes, enfermeiros e fiscais sanitário”.^{4,5}

Centro de Saúde de Lisboa

Por razões familiares, parte do espólio de Maria Palmira Tito de Morais, enfermeira consultora da Organização Mundial de Saúde – licenciada em Enfermagem e em Ciências Históricas e Filosóficas, e com mestrados em Sociologia, Filosofia, Psicologia Social e Antropologia Cultural, veio-me parar às mãos.

Médico atento à problemática da saúde em Portugal, sempre me admirou o silêncio feito sobre uma experiência admirável realizada em Lisboa, nos anos 40, que foi o Centro de Saúde de Lisboa.

Que eu saiba, e procurei bastante, não há registos nem na Direcção-Geral de Saúde nem na Escola de Saúde Pública.

Mário Jorge Neves, no seu livro “A Saúde, as Políticas e o Neoliberalismo”, escreve: “A aplicação do conceito do centro de saúde no nosso país iniciou-se ainda em pleno período da ditadura, na sequência da reforma empreendida em 1971 pelo Prof. Dr. Gonçalves Ferreira que conduziu à implementação de algumas destas unidades de saúde”, veiculando assim os ensinamentos recebidos certamente na Escola de Saúde Pública”.⁶

A História da Saúde em Portugal, da responsabilidade da Direcção Geral de Saúde, também não faz referência a esta importante experiência, como se uma esponja tivesse apagado dez anos do passado desta instituição.⁷

A verdade, porém, é que este conceito tinha sido introduzido em Portugal, muito antes, pelas enfermeiras diplomadas nos Estados Unidos pela Western Reserve University, School of Nursing, em Cleveland e pela Escola de Enfermagem de Saúde Pública da Universidade de Toronto, Maria Palmira Tito de Morais e Maria Angélica Lima Bastos.^{8,9}

A 6 de Outubro de 1939 é publicada no Diário do Governo, sob o título Ministério do Interior e subtítulo Direcção-Geral de Saúde, a constituição do Centro de Saúde de Lisboa: “Por conveniência de serviço público, que compete ao Centro de Saúde de Lisboa, são publicados os nomes dos técnicos que constituem o pessoal dessa instituição (...), assinado pelo Director-Geral de Saúde José Alberto de Faria”.

O quadro do pessoal do Centro de Saúde era constituído por 1 Director; 1 Epidemiologista, assistente do director; 1 higienista infantil (pediatra); 1 higienista da Maternidade (obstetra), 1 Tisiologista, 1 venerologista, 1 higienista dentário (estomatologista), todos médicos; 1 chefe de visitadoras (enfermeira), 6 visitadoras sanitárias, 1 preparadora e 2 monitoras.^{4,9,10}

Maria Palmira Tito de Morais integra a equipa fundadora do Centro de Saúde de Lisboa como monitora, sendo o director outro bolsheiro da mesma Fundação, o Professor Maia Loureiro, investigador de renome internacional e assistente de director o Dr. José Cutileiro, homem de ciência com notáveis trabalhos de investigação, perito internacional no domínio da Saúde Pública.



Esta experiência, que durou dez anos, de 1939 a 1949, foi interrompida, como tudo de inovação que acontecia neste país, com a demissão de alguns dos seus membros, por ordem do ditador e despacho do Ministro do Interior.

O apoio financeiro e de formação profissional era fornecido pela Fundação Rockefeller, que deu o pontapé de saída ao Centro de Saúde. Pelas palavras do seu delegado em Portugal, Dr. Rolla B. Hill, numa conferência promovida pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social, no dia 4 de Março de 1939, depois de elogiar e referir as tradições higienistas e de saúde pública portuguesa desde Ribeiro Sanches, o conferencista referiu a necessidade da especialidade, dentro da medicina, de profissionais de saúde pública, e da concessão de bolsas para esse fim, que atingia já o número de 6.000, a estudantes de 72 países.³

Como contrapartida aos governos desses países, Rolla B. Hill prometia ao bolsheiro o seu aproveitamento e pagamento, desde que o candidato garantisse a sua aceitação em “full-time” (tempo completo e exclusividade).

Em seguida, o orador sublinhou: “Repito o que já atrás disse, e que é de importância, o pessoal de serviço de saúde pública deve trabalhar em “full-time”, deve entender-se que o funcionário não pode ter outro emprego nem ocupação remunerados, tanto oficial como particular (...) Este sistema (...) já foi reconhecido também em Portugal pelo actual Governo (...)”.³

Depois de falar sobre a engenharia sanitária, afirmou que “a criação da enfermeira - visitadora sanitária foi, sem dúvida, um dos mais avançados e úteis passos dados em matéria de saúde pública nos últimos 100 anos”.³

Mais adiante: “Em Portugal é muito elevada a mortalidade infantil – quase 150, de mil crianças que nascem vivas, morrem antes de completarem um ano. É enorme essa mortalidade sobretudo ao lembrarmos-nos que a Nova Zelândia conseguiu reduzi-la imenso, de 35 por mil apenas, (...) a prevalência da tuberculose é também muito elevada, (...) a difusão das doenças venéreas é bastante grande (...). Há muita varíola e muita gente (...) que não se vacina (...) febre tifóide, raiva, o tifo exantémico (...). Também não se exerce nenhuma (...) acção fiscalizadora sobre as parteiras (...) e continua o retrato negro do nosso país (...). (...) Vilas e aldeias estão ainda sem água de abastecimento e muitas mais ainda não têm rede de esgoto em boas condições (...) a fiscalização da higienização do leite e a higiene rural está, realmente, quasi toda por fazer”.³

Vale a pena referir também aqui a carta que o Dr. G. K. Strode, um dos directores da Fundação Rockefeller, dirigiu em 1932 ao Dr. J. E. Faria (Director-Geral de Saúde):

“Para se formar um moderno serviço de higiene pública em termos de bom funcionamento é necessário seguir os seguintes princípios:

- Serviços técnicos dirigidos e desempenhados por pessoal devidamente especializado;
- Pessoal exclusivamente ocupado nesse trabalho, isto é, em full-time;
- Vencimento com suficiente largueza para atrair os melhores médicos e visitadoras, e para lhes garantir um nível de



vida que os dispense de recorrer a outra qualquer ocupação ou emprego” (o sublinhado é meu).

(...) O serviço de saúde pública deve promover uma acção que se estenda à população inteira, adultos e crianças. Um passo neste sentido foi a contribuição do Centro de Saúde Modelo de Lisboa, prestes a ser inaugurado.³

Nunca é demais reafirmar que ficou a dever-se a estas duas enfermeiras bolsseiras da Fundação RocKefeller, com estágios na Universidade de Western Reserve School of Nursing e na Universidade de Toronto, com todo o entusiasmo e força da sua juventude, a constituição da experiência piloto do CENTRO DE SAÚDE DE LISBOA, conseguindo a aprovação e o apoio do Prof. Maia Loureiro, pessoa acima de qualquer suspeita para a Ditadura.^{7,8}

Em 1945, em representação do Centro de Saúde de Lisboa, Maria Palmira Tito de Morais participou, com outros elementos, na fundação do Centro Social e de Saúde de Lisboa D. Sophia Abecassis.^{2,7}

Podemos ler no Assistência à Maternidade e Infância, Centro de Enfermagem, Relatório do Primeiro Ano de Actividade 45/46, os donativos de D. Sophia Abecassis, a maior contri-



buinte, as cotizações de várias companhias de Seguros, nomeadamente “A Mundial”, e do Dr. José Espírito Santo (que já mostrava uma apetência para a Saúde). O documento refere ainda que a gestão pode considerar-se excelente, dado que as receitas e as despesas foram do mesmo valor, 339.441\$85.⁹

O Centro de Saúde de Lisboa estava instalado numa casa da freguesia da Pena, prestava assistência às famílias mais carenciadas das zonas mais pobres de Campo de Ourique.^{4,9}

Citando um jornal da época¹¹: “O Centro de Saúde de Lisboa não é propriamente um instituto clínico, antes um vasto laboratório de experiências e investigações, que amplia a sua acção até ao lar, vigiando e protegendo a família.

O fulcro da sua actividade era porém a higiene infantil. A profilaxia das doenças evitáveis, a alimentação, as horas de repouso, a vigilância sobre o sono, a correcção de anomalias ou defeitos.”

Fazia parte do pessoal técnico deste Centro pioneiro um corpo de visitadoras sanitárias, supervisionadas pelas enfermeiras Maria Palmira Tito de Moraes e Maria Medina Monjardino, que dia a dia, em permanente contacto com a criança, ia conhecendo o ambiente onde esta se desenvolvia, segundo o modelo da The National Organization for Public Health Nursing. A puericultura, a higiene post-partum e durante a gravidez são temas para pequenas palestras, feitas nas salas do Centro, destinadas às mães.^{8,9}

Os laboratórios do Centro, onde trabalhos de investigação científica se foram realizando com êxito, preparavam vacinas

e soros¹¹. Muitos jovens Pediatras da altura passaram por este Centro, aprendendo as vacinações e puericultura, como Abílio Mendes e Maria de Lourdes Levy, ou mais velhos, fazendo consultas, como Jacôme Delfim, sob a Direcção do Pediatra do Centro, Dr. Moreira Braga.

Higienistas e homens de saúde pública aqui trabalharam com extrema dedicação, como por exemplo o Dr. José Cutileiro, sempre em colaboração com o Director do Centro, Prof. Dr. Maia de Loureiro. Também o então jovem Arnaldo Sampaio por aqui passou tomando conhecimento desta experiência e certamente Gonçalves Ferreira.

Transcrevo da separata da “Imprensa Médica”, sob o título “A Enfermagem de Saúde Pública num programa de profilaxia da tuberculose”:

(...) “O objectivo deste nosso trabalho é analisar a contribuição da Enfermagem de Saúde Pública num programa de profilaxia da tuberculose, servindo-nos do trabalho realizado desde Julho de 1940 a Julho de 1943 (...). Na discussão e conclusão a autora fala na necessidade da acção das enfermeiras de saúde pública e aponta para duas a três, numa comunidade urbana de 100.000 habitantes, com meios de transporte adequados. O trabalho debruçou-se sobre 909 indivíduos, dos quais 67,8 por cento eram crianças e 29,2 por cento adolescentes e adultos (...).¹²

Um dos grandes médicos impulsionadores deste PRIMEIRO CENTRO DE SAÚDE EM PORTUGAL foi José Jacinto Cutileiro, mais um nome de técnico de saúde pública esquecido em Portugal.

Lendo o Curriculum Vitae de J. Cutileiro para concurso da vaga de Professor Extraordinário da Cadeira de Higiene e Epidemiologia, da Faculdade de Medicina de Lisboa, sabemos que em 1938 este conhece João Maia de Loureiro, regressado dos Estados Unidos, onde se doutorara em Saúde Pública, e que o convida para a aventura do Centro de Saúde modelo, numa freguesia de Lisboa, com cerca de 14.000 habitantes, para o qual precisava de um epidemiologista que trabalhasse em full-time, exigência da Fundação Rockefeller.⁵

A ideia original era a de fazer dele (Centro de Saúde de Lisboa) uma unidade mãe, a partir da qual outras se iriam formando, distribuídas por vários pontos da cidade.⁵

Não posso passar sem transcrever este texto do seu Curriculum, que define o verdadeiro Homem de Saúde Pública que José Cutileiro foi: “Um Serviço de Saúde deve valorizar as doenças infecciosas que flagelam o seu país consoante a sua importância actual e não segundo a tradição; e assim, pareciamos mais lógico perder tempo a estudar e a tentar combater doenças endémicas evitáveis, que apesar da sua banalidade causam anualmente centenas ou milhar de mortes, do que gastar longas horas descrevendo em hórridas pestilências, que só incidental e episodicamente nos atacam e pouco ou nenhum peso têm na nossa obituária”.⁵

Em 1941, o médico interrompe o trabalho no Centro por ser mobilizado para os Açores, onde durante a guerra continua o seu trabalho de epidemiologista e higienista, enfrentando dificuldades enormes na luta contra os dois problemas mais graves na Ilha Terceira - a febre tifóide e a peste. Regressa em 1944 e faz o Doutoramento em Medicina em 1946, tendo sido aprovado com 19 valores.⁵

Em 1950 - data do Curriculum Vitae - tem 34 trabalhos científicos publicados.⁵

A grande aventura do Centro de Saúde de Lisboa acaba em 1949. Durante dez anos, estes e outros profissionais de saúde conseguiram realizar um trabalho meritório e iludir, durante a II Grande Guerra, a vigilância policial que foi sempre contra as ideias novas e, sobretudo, contra o esclarecimento e contacto com populações pobres de bairros operários, como era o caso da Freguesia da Pena.

Estes dez anos corresponderam ao ascenso e à queda do nazifascismo na Europa.

Em Portugal foi a consolidação da Ditadura, a aliança ibérica, a revolução corporativa e as Caixas de Previdência.

No pós-guerra houve a esperança que os aliados ajudassem e levassem à queda de Salazar. Tal não aconteceu mas, nesse período, o movimento antifascista fortificou-se e culminou com o largo movimento de apoio à candidatura à Presidência da República do General Norton de Matos. Criou-se um movimento cívico de mulheres democratas com Maria Lamas, Isabel Aboim Inglês, Cesina Bermudes, Maria Palmira Tito de Morais, entre muitas.

Findo o período eleitoral, e como consequência do apoio à candidatura à Presidência de Norton de Matos, Salazar desti-

tui a Enfª Maria Palmira de todos os cargos de funcionária pública do Centro de Saúde de Lisboa e da Escola Técnica de Enfermeiras.¹³

O Centro de Saúde de Lisboa é encerrado por ordem do ditador.¹⁴

“...Dizem-me que o arquivo, que continha trabalhos de investigação e relatórios valiosíssimos sobre a Saúde Pública em Portugal, foi totalmente destruído...”¹⁴

A ideia dos Centros de Saúde irá reaparecer apenas em 1972, trinta e três anos mais tarde, já com Marcelo Caetano no poder.

A OMS é criada em 1946, e a Enfª Maria Palmira Tito de Morais entra em 1950 para os seus quadros, fazendo uma brilhante carreira internacional e, coincidência ou não, entra também para a mesma organização o Dr. José Jacinto Cutileiro.

Referências

1. Ferreira, J. De Roosevelt, mas também de Getúlio. O Serviço Especial de Saúde Pública. *Hist. Cienc. Saúde* - Manguinhos, vol.14 nº4 Rio de Janeiro Oct/Dez 2007 <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14u4/18pdf/#> Acedido a 7 de Junho de 2009.
2. Ribeiro, L. *Medicina no Brasil* – ed: Imprensa Nacional, Rio de Janeiro 1940
3. Hill, RB. Algumas considerações sobre saúde pública; conferência realizada a 4 de Março de 1939, promovida pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social. *Separata de Vida e Saúde*, Órgão Cultural da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal Tip. Instituto Surdos – Mudos, Porto 1939; 5 – 16.
4. Loureiro, JA. Relatório dos primeiros seis meses de actividade do Centro de Saúde de Lisboa 1940.
5. Cutileiro, J. *Curriculum Vitae. Concurso Para Vaga de Professor Extraordinário da Cadeira de Higiene e Epidemiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa*. Lisboa 1950; 15 – 63.
6. Neves MJ. *A Saúde, As Políticas e o Neoliberalismo* ed: Sindicato dos Médicos Zona Sul / FNAM 2005; 349.
7. Viegas V, Frada J, Miguel JP. *Notas Históricas – A Direcção Geral de Saúde*, Museu Virtual; 2006. Em <http://www.insa.pt/sites/INSA/CollectionDocuments/ADGSnotashistoricas.pdf>. Acedido a 5 de Abril de 2009.
8. *Maria Palmira Tito de Morais*. ed: Biblioteca Museu República e Resistência. Lisboa : Câmara Municipal, 2001.
9. Assistência à Maternidade e Infância – Centro de Enfermagem, Relatório do Primeiro Ano de Actividade, Lisboa 1946.
10. Diário do Governo, II Série, nº 233, 5494; 6 Outubro 1939.
11. Reportagem Sol da Vida – *Mundo Gráfico* Ano III, Nº 54, 31 Dezembro 1942.
12. Morais, MP. A Enfermagem de Saúde Pública num programa de profilaxia da tuberculose. *Separata da Imprensa Medica* Ano XII (12) 185 – 196; 1946; 2 – 23.
13. Carta do Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, 13 Fevereiro 1950. Espólio de Maria Palmira Tito de Morais.
14. Entrevistas. Espólio de Maria Palmira Tito de Morais